



## **Saberes agroecológicos e território - um olhar sob a perspectiva do Bem Viver** *Agroecological knowledge and territory - A look from the perspective of Good Living*

CAMPOS, Ana Luiza Araujo<sup>1</sup>; LOPES, Paulo Rogério<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Programa de Pós Graduação em desenvolvimento Territorial Sustentável (PPGDTS)/ Universidade Federal do Paraná (Setor Litoral), (PPGDTS), anaalucampos@gmail.com; <sup>2</sup> Universidade Federal do Paraná (Setor Litoral), PPGDTS, Nea Juçara, NAPI Alimento e Território, agroecologialopes@gmail.com

### **RESUMO EXPANDIDO**

#### **Eixo Temático: Ancestralidade, terra e território**

**Resumo:** A cosmovisão do Bem Viver se baseia nas ideias centrais de pertencimento à natureza e ação em comunidade. O objetivo deste estudo é trazer aproximações entre os conceitos de Bem Viver, Agroecologia e Território. Pretende-se evidenciar as correlações entre estes campos do conhecimento, bem como situar o *Buen Vivir* no contexto de construção dos saberes agroecológicos. Se para além de pensar na sustentabilidade material, precisamos investigar nossas percepções sobre o mundo, e se para além das soluções imediatistas precisamos pensar nos aspectos geradores das crises, então o bem viver se projeta e projeta um horizonte. A Agroecologia, em confluência, fornece as bases metodológicas para análise e problematização da realidade local, planejamento e avaliação participativa, bem como as premissas e processos regenerativos, rumo a sistemas, territórios e sociedades sustentáveis.

**Palavras-chave:** bem viver; agroecologia; território; reencantamento.

#### **Introdução**

A ética do Bem Viver se apresenta como uma corrente de pensamento, mas também prática política de descentramento de poder, reconhecendo e valorizando a diversidade de povos e seus saberes. Na perspectiva do Bem Viver uma das ideias centrais é o pertencimento da humanidade à natureza, e esta relação harmoniosa pode reinaugurar um novo modo de se habitar o planeta (ACOSTA, 2016). No que tange estudos de desenvolvimento local, muito tem se discutido sobre a importância do pensamento decolonial, que coloca em xeque pressupostos eurocêntricos e universalistas, contidos em estudos mainstream das ciências. (DALLABRIDA, et al., 2021). Segundo Alcântara e Vieira (2019) o tema do Bem Viver possui um debate recente e que vem crescendo nos últimos anos, e destaca a necessidade do desenvolvimento de pesquisas capazes de medir e avaliar o que é relevante para o desenvolvimento humano.

A relevância e originalidade deste estudo se dá na proposta de aproximar os conceitos de Bem Viver, Agroecologia, Território e Reencantamento. Espera-se que esta pesquisa possa alcançar a compreensão da correlação entre estes grandes conceitos-chave, abrir debates e nortear ações educativas mais assertivas, no sentido da valorização de saberes culturais diversos, e que fortalecem o senso de pertencimento à natureza e o senso de comunidade. Este projeto se insere no eixo



temático: Ancestralidade, terra e território, uma vez que pretende dialogar entre os conceitos de Bem Viver e Agroecologia, tendo o conceito de território como pano de fundo. Este trabalho se trata de um recorte da pesquisa de dissertação da autora, o qual está alocado num campo do conhecimento de Desenvolvimento Territorial Sustentável.

Na ótica do Bem viver, a valorização dos saberes dos povos tradicionais é essencial para a construção de um novo paradigma que rompa com a lógica mercadológica hegemônica. O presente estudo se utiliza de pressupostos teóricos que norteiam as bases dos estudos de desenvolvimento territorial: a teoria dos sistemas, a teoria da complexidade e a perspectiva da decolonialidade e descentramento (DALLABRIDA, et al, 2021). Assim, o presente estudo tem como objetivo trazer aproximações entre os conceitos de Bem Viver, Agroecologia e Território. Pretende-se evidenciar as correlações entre estes campos do conhecimento, bem como situar o *Buen Vivir* no contexto de construção dos saberes agroecológicos.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica baseada em pesquisas feitas no Google acadêmico, Scielo, e Portal CAPES, utilizando os termos Bem Viver, agroecologia e território. Logo após, realizou-se uma triangulação e correlação na tentativa de situar o Conceito de Bem Viver no debate de transição paradigmáticas das ciências. O tema está inserido na pesquisa de dissertação da autora.

## **Resultados e Discussão**

Nossa sociedade enfrenta crises econômicas socioambientais em escalas planetárias que perpassam desde as desigualdades sociais, a perda de biodiversidade à ameaça de um colapso climático. Muitos autores partilham da compreensão de que tais crises estão todas interconectadas entre si, operam em múltiplas dimensões, e tem uma raiz em comum: a visão de mundo que sustenta a crença que o ser humano é apartado da natureza (CAPRA, 1996). Edgar Morin (2011) vai denominar a situação contemporânea global de crise civilizatória, justamente porque ela reúne um conjunto de crises: energética, alimentícia, ecológica, demográfica, comunitária, de valores, entre outras. Por detrás de toda destruição à natureza promovida continuamente ao longo dos últimos séculos, se sustenta o discurso de que o crescimento econômico é necessário para levar desenvolvimento a países emergentes. Contudo, a promessa de progresso aos países tidos como subdesenvolvidos segue sem se cumprir (ACOSTA, 2016).

Para Fritjof Capra (2006) a crise econômica, social e ecológica, não são fenômenos separados, mas diferentes facetas de uma única crise que ele denomina crise de percepção. Segundo ele, o desafio que se desenha é a mudança no sistema de valores por detrás da economia global, no sentido de tornar compatível um modelo de mundo ecológico e sustentável. Em sua visão, ele compreende que é preciso olhar para o mundo com um olhar integrador, superando a ideia mecanicista de que tudo pode ser dividido em partes, fragmentado e compartimentalizado.



Felix Guattari (1990) dá destaque às três dimensões da grande crise: na relação homem natureza, que produz a crise ecológica, dos indivíduos entre si, que acarretam crises políticas, sociais éticas e econômicas e do ser humano consigo mesmo, que resulta em crises de caráter psicológico. Ou seja, à medida que o modelo exploratório e utilitarista avança em seu projeto de mundo, nossas subjetividades também são afetadas. A crise planetária então produz desdobramentos biopsicossociais. O conceito de desencantamento proposto por Max Weber (2004), tem sido utilizado por alguns autores para explicar o processo de dessacralização da natureza que antecedeu a modernidade. Para Moscovici (2007) desencantar o mundo consistiu em desqualificar os saberes do mundo, silenciar as múltiplas formas de conhecimento que se dão no mundo. Perder o contato com os símbolos, esvaziar a magia e o senso de conexão (HOLETZ, 2010). Tal ideia vai de encontro com o que diz Ailton Krenak. Em seu livro “A vida não é útil” ele nos questiona: quando falamos em humanidade, a qual humanidade estamos nos referindo? (KRENAK, 2020) O que ele propõe elucidar é que toda destruição que atribuímos ao “homem” é na verdade resultado das ações de um tipo de humanidade: a do homem branco ocidentalizado e neoliberal. Mas, existem outras humanidades, isto é, outros povos, outros modos de vida, outras concepções sobre o mundo, outros olhares, outros mundos dentro deste mesmo mundo. Perante a esta realidade a Agroecologia emerge trazendo luz ao debate. Ela nasce num contexto de busca por modelos de agricultura que pudessem contribuir no desenvolvimento rural sustentável. A agroecologia enquanto ciência, movimento e prática tem trazido ao debate não apenas a crítica, mas também propostas e alternativas de resistência frente a este modelo insustentável e destrutivo. (CAPORAL E COSTABEBER, 2002).

Para Zaoual (2010) o olhar sobre o território é uma resposta contemporânea à lógica do mercado que está no cerne da globalização, porque, segundo ele, é na esfera das relações não mercantis que as teorias de desenvolvimento local encontram respostas. O senso de pertencimento aos territórios impulsiona a construção de redes e de dinâmicas sociais capazes de impor resistências à uma lógica mercantil e globalizante do mundo. (ZAOUAL, 2010).

Sarita Abagli (2004) discorre sobre os conceitos de território e territorialidade. Segundo seus escritos, o território, em sua dimensão simbólica é “suporte e produto da formação de identidades individuais e coletivas, despertando sentimentos de pertencimento e de especificidade.” Os símbolos, representações, e imagens produzidas neste espaço são perpassados pela consciência humana e fornecem referências comuns à construção de uma identidade territorial.

Para Sarita, na perspectiva do desenvolvimento local, o território é um potencial cenário de transformação social, política e econômica, pois é neste espaço que se desenvolvem novas formas de cooperação e parceria entre diferentes atores sociais. É localmente que são estabelecidas redes e dinâmicas capazes de conectar os



saberes modernos e tradicionais. Para tanto, a autora destaca a necessidade da geração de conhecimento sobre o território, incluindo sua dimensão cultural e simbólica, que atravessa crenças, mitos, representações, valores e símbolos que dão sentido de identidade e de pertencimento. Tendo em vista todos estes apontamentos, as sabedorias ancestrais se mostram um resgate necessário para encarar os problemas enfrentados hoje. Beber das fontes ancestrais no sentido de buscar como reaprender a estar em conexão à Terra. Filosofias decoloniais e des-euro-centralizadas se destacam entre os saberes latino-americanos e africanos: O Bien Vivir, ou Bem Viver e o Ubuntu (SORRENTINO et al., 2017).

Para Tristão e Vieira (2021) a ética Ubuntu e Bem viver provocam fissuras no modo de pensar ocidentalizado, e, portanto, promovem a descolonização do pensamento, bem como a desmercantilização da vida, pois, vão na contramão da lógica do acúmulo e concentração de riquezas, instaurado no atual sistema neoliberal. Neste sentido, a agroecologia e o Bem Viver dialogam, por valorizarem distintos modos de existência, e compreenderem diálogos horizontais entre diferentes culturas. Tais diálogos são capazes de fortalecer identidades marginalizadas, construir convivências de respeito, troca dos saberes, rompendo assim com a hegemonia sociocultural. Para a ética do Bem Viver existem duas questões primordiais: o pertencimento à natureza e o senso de comunidade.

Nesta cosmovisão a Terra é vista como grande mãe Pachamama, e, portanto, estaríamos a todo momento enraizados a ela, em conexão e devendo honrá-la e respeitá-la. O Bem viver considera a importância da responsabilidade de cada indivíduo neste contexto, contudo para que se viva em harmonia e sentido, se faz necessária uma ação coletiva, em comunidade, pois é na soma de saberes e experiências diversas que se pode superar as desigualdades e desafios enfrentados (ARGUETA, 2015). Para Sólón (2019) o pertencimento e o reconhecimento ao conjunto são as chaves do Bem Viver. Portanto, a concepção do Bem Viver reconhece e valoriza a diversidade da natureza, a diversidade dos povos, incentiva o fortalecimento da ação coletiva, das relações comunitárias, colaborativas, rompe com o paradigma estruturante e propõe um modelo de sociedade, que, na contramão do extrativismo, busca por soluções sustentáveis, numa relação de equilíbrio para com os sistemas vivos (ALCÂNTARA & SAMPAIO, 2017).

Este processo de sensibilização, reconexão com a natureza e mudança paradigmática necessita ser bem orquestrado. A Agroecologia entra como uma “chave” neste processo, pois ela fornece as bases metodológicas para análise e problematização da realidade local, planejamento e avaliação participativa, bem como as premissas e arcabouço tecnológico vinculado aos saberes e práticas de cunho social e ecológico, capazes de fomentar novas relações e processos regenerativos, seja no âmbito das relações humanas, sociais, culturais, produtivas e ambientais, rumo a sistemas, territórios e sociedades sustentáveis. (MARCHETTI, 2023).



## Conclusões

Se para além de pensar na sustentabilidade material, precisamos investigar nossas percepções sobre o mundo, e se para além das soluções imediatistas precisamos pensar nos aspectos geradores das crises, então o Bem Viver se projeta e projeta um horizonte. O Bem Viver é uma cosmovisão, uma ótica, uma fresta por onde se vê o mundo. Um olhar profundo, e de uma profundidade que não se capta através da racionalidade. Há que se estar com os sentidos e percepções abertos. Há que se sentir. É difícil romper com o cinismo neoliberal, e é difícil romper com a rigidez acadêmica e científica. Mas este grande conceito "Buen vivir" foi capaz de atravessar os muros das universidades, e foi capaz de encontrar solo fértil no centro de alguns movimentos sociais que fizeram com que estas palavras fossem repetidas, e que estas ideias fossem semeadas.

O senso de pertencimento está no centro da ética do Bem Viver e também no cerne do conceito de território. Na agroecologia, o conceito de pertencimento também possui destaque e relevância. Nota-se, portanto, que tais áreas do conhecimento estão em constante troca e coevolução, e que estes grandes conceitos estão, a partir deste contato, em contínua construção. Parece necessário que o termo Bem Viver seja apropriado, expandido, democratizado. Que ele seja ainda cultivado, e cuidado, para que sua construção se dê coletivamente. Num contexto de quebra de paradigmas, o Bem Viver apresenta saídas a um modelo de sociedade destrutivo e adoecedor, e traz para o cerne de debates repletos de desesperança a ideia da vida boa e simples como uma possível chave de compreensão de mundo, e, uma resposta.

## Referências bibliográficas

ACOSTA, Acosta. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016. 264 p.

ALBAGLI, Sarita. Território e territorialidade. **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 23-69, 2004. Disponível em: [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS\\_CHRONUS/bds/bds.nsf/E1C3CE6A43DBDB3203256FD6004907B7/\\$File/NT00031436.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/E1C3CE6A43DBDB3203256FD6004907B7/$File/NT00031436.pdf) Acesso em: 01 de julho. 2023.

ALCÂNTARA, Liliane C. S.; SAMPAIO, Carlos A. C. Indicadores de Bem Viver: pela valorização de identidades culturais. **Desenvolvimento e meio ambiente**, v. 53, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/62963> Acesso em 25 de junho. 2023.

ALCÂNTARA, Liliane. C. S.; SAMPAIO, Carlos. A. C. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível? **Desenvolv. Meio Ambiente**, v. 40, p. 231-251, abril 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/48566> Acesso em: 25 de junho. 2023.



ARGUETA, Arturo. Sistemas de saberes ambientais, natureza e construção do bem viver. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 35, 2015.

CAPRA, Fridjof. O ponto de mutação. São Paulo: **Cultrix**. 2006.

CAPORAL, Francisco R; COSTABEBER, José A. Agroecologia: enfoque científico e estratégico. **Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável**, v. 3, n. 2, p. 13-16, 2002.

CAVALCANTI, Clóvis. Concepções da economia ecológica: suas relações com a economia dominante e a economia ambiental. **Estudos avançados**, v. 24, p. 53-67, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/vTMxPYD5vKCJ4fj7c5Q9RbN/> Acesso em: 1 de julho. 2023.

DALLABRIDA, Valdir. R., ROTTA, Edeimar., BUTTENBENDER, Pedro. L., DENARDIN, Valdir. F, & ARENHART, Lívio. O. Abordagem territorial do desenvolvimento: categorias conceituais e pressupostos metodológicos. **Guaju**, v. 7, n. 1, p. 8-80, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/guaju/article/view/80437> Acesso em: 02 de junho, 2023.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. 9. ed. Campinas: Papius, 1990.

HOLETZ, Tais. R. O desencantamento do mundo na obra de Max Weber: A controvérsia brasileira. 2021. **Monografia**. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/230417/Monografia\\_Tais%20Ribeiro%20Holetz.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/230417/Monografia_Tais%20Ribeiro%20Holetz.pdf?sequence=1&isAllowed=y) Acesso em: 01 de julho, 2023.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Companhia das Letras, 2020.

MARCHETTI, F. F. et al. AGROECOLOGIA: CIÊNCIA, MOVIMENTO POLÍTICO E PRÁTICA SOCIAL PARA MITIGAÇÃO E ADAPTAÇÃO ÀS MUDANÇAS CLIMÁTICAS. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 18, n. 1, p. 388-415, 2023.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MOSCOVICI, Serge. **Natureza-Para Pensar a Ecologia**. Mauad Editora Ltda, 2007.

ZAOUAL, Hassan. O homo situs e suas perspectivas paradigmáticas. **Oikos**, v. 9, n. 1, 2010.